

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

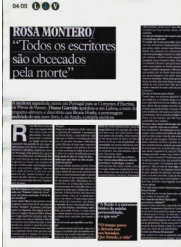
Tiragem: 80000

Temática: Diversos

Dimensão: 1113

Imagem: S/Cor

Página (s): 4/5



ROSA MONTERO/

“Todos os escritores são obcecados pela morte”

A escritora espanhola esteve em Portugal para as Correntes d'Escritas, na Póvoa de Varzim. **Diana Garrido** apanhou-a em Lisboa, a meio do pequeno-almoço, e descobriu que Bruna Husky, a personagem andróide do seu novo livro, é, no fundo, a própria escritora

Rosa Montero tem 60 anos mas ninguém diria. Nem pelas roupas, nem pela atitude. Usa adjetivos como “preciosa” ou “guapa” quando fala conosco e fez questão de nos pagar o café matinal, sem direito a discussão. A escritora e jornalista espanhola esteve em Portugal, pela quarta vez, para as Correntes d'Escritas, na Póvoa de Varzim, onde falou do seu mais recente livro “Lágrimas na Chuva”, um romance de ficção científica onde a personagem principal, uma andróide orgânica, luta contra o medo da morte. E este é só o primeiro de um “mundo literário” que a autora decidiu oferecer a ela própria como comemoração dos seus “impossíveis” 60 anos.

Este livro passa-se num futuro imaginado, nos “Estados Unidos da Terra” onde não faltam andróides. É fã de ficção científica?

Gosto muito. Não é o meu primeiro livro do género, escrevi um há 21 anos que se chama “Temblor”. As pessoas, principalmente em Espanha, têm algum preconceito em relação à ficção científica. Achar que é algo esotérico, estranho, que não tem nada a ver com a realidade e fala de marcianitos com orelhas bicudas. A mim agrada-me, porque é uma ferramenta metafórica muito poderosa para explicar a realidade. Estou certa que este meu romance, que é o número 11 ou 12, é o mais realista de todos os que escrevi.

Porquê?

Passa-se em Madrid em 2109 e está muito próximo da realidade. A protagonista, Bruna Husky, é uma andróide orgânica que se dedica à investigação policial. Só vai viver dez anos e sabe lutar, muito diferente de mim, mas é sem dúvida a personagem mais próxima de mim e a mais profunda de todas as que escrevi. Sinto-me muito identificada com ela. **Pelo medo de não ter tempo de fazer tudo o que quer fazer na vida ou pelo medo da morte?**

Pela sua atitude perante a morte. Penso que todos os escritores são obcecados com a morte, de uma ou de outra forma. Todos os seres humanos estão condenados a morrer, só que arranjamos formas de não pensar nisso. Mas penso que os escritores e os artistas são escritores e artistas porque têm mais dificuldade em esquecer a morte que a maioria das outras pessoas. E Bruna Husky está obcecada com a morte, como eu. A morte assusta-a e ela odeia-a. É uma coisa irracional, parece-lhe impossível, uma fraude, a sensação de vir a este mundo tão bonito, esta vida deliciosa, maravilhosa, esplêndida, para nada. Porque o tempo passa e a morte devora-nos aos bocados e leva os nossos entes queridos. Que fraude, a vida...

É só esse medo que partilha com Bruna?

Ao mesmo tempo que tenho essa raiva tenho a vitalidade que ela também tem. Enfurece-me a morte mas adoro a vida, como ela, que a come aos bocadinhos.

Sinto-me muito próxima dela, mas fi-la exageradíssima. Por exemplo, dei a Bruna o meu amor por vinho branco, mas a ela quase a fiz alcoólica. Mas reconheço-me nessa fome de vida e no ódio à morte, na força e nas fragilidades, na necessidade dos outros. Essa forma complicada de procurar quem somos, enquanto mulheres, face aos homens, face a tudo. Em tantas coisas...

Foi essa fome de viver que a levou a fazer várias coisas diferentes além do jornalismo? A psicologia, o teatro?

Acho que sim. Sou muito curiosa, activa e nervosa. Tenho um temperamento nervoso. Penso que isso será parte do meu comportamento vulcânico. Psicologia

“A ficção é a estrutura básica da minha personalidade, é o que sou”

“O tempo passa e devora-nos aos bocados. Que fraude, a vida”

não terminei, deixei no 4.º ano. Mas é verdade que faço muitas coisas. Sou inquieta.

As suas personagens são sempre pouco ortodoxas, não são?

É verdade. Há 32 anos que publico romances mas só há pouco tempo percebi até que ponto repito sempre uma fórmula básica. São romances de sobreviventes com uma personagem, homem ou mulher, que começa a história muito sozinho, marginal, numa situação crítica. O livro é a travessia. Durante o percurso vai reunindo uma espécie de família de personagens também marginais e diferentes, que acabam por ser muito mais válidas que as personagens com poder, supostamente ortodoxas. Outra coisa que acaba por ser tema dos meus livros é a necessidade do outro para viver. Esse pensamento é essencial na vida e está nos meus romances.

Em que se baseou para o livro?

Tentei fazer um projecto plausível do que podia ser a sociedade daqui a cem anos. Quis fazê-lo de forma realista para que o leitor não se sentisse estranho, que sentisse que podia habitar o mundo. Há uma tendência clara para as supranacionalidades, daí os Estados Unidos da Terra, e é um romance que não é nem catastrófico nem utópico.

Ficamos com a impressão de que este livro é especial, mais que os outros.

Sim, foi diferente. Normalmente os livros surgem como sonhos que sonhas de olhos abertos. Este surgiu mais de uma vontade de que de uma imagem. Demoro três anos a escrever um livro e quando acabei o anterior dei-me conta de que quando terminasse este teria 60 anos, que é uma idade impossível de assumir. Não consigo perceber como é que tenho 60 anos. Como é possível? Decidi que queria oferecer-me um livro, um mundo literário para poder ir lá sempre que me apetecer. Não se trata de uma saga, ou de uma trilogia: é um pequeno mundo do qual, quando me apetecer, me aproximo e escrevo um livro. Com as mesmas personagens mas outra história. E farei isso, já tenho uma segunda história na cabeça.

E de onde vem o nome da personagem Bruna Husky?

Aha! Pois Bruna era um nome meu, do meu avatar no Second Life.

Por causa do seu livro “Instruções para Salvar o Mundo”?

Recorri a isso nesse livro, mas já lá estava antes. Pessoalmente divertia-me. Entrei no Second Life quando foi criado e estive lá uns quatro meses, foi divertido. O meu avatar chamava-se Bruna Husky e a partir de então passou a ser uma espécie de pseudónimo. Tenho uma conta de email de Bruna Husky e tudo. É o mais perto que estive de um heterónimo.

E como era Bruna, fisicamente?

Bom, podia ser o que eu quisesse mas essencialmente era um dragão. Vivía



Rosa Montero foi para o "El País" em 1977 e publicou o primeiro livro em 79



LÁGRIMAS NA CHUVA

Rosa Montero
Porto Editora
13,28€

numa ilha de dragões. Tinha o meu corpo de mulher e tal, mas era quase sempre um dragão. Tinha várias peles, de várias cores, lindas.

Nunca mais lá voltou?

Uma rapariga espanhola que conheci lá e que tem um museu de arte no Second Life, para mulheres exporem os seus trabalhos reais, convidou-me para apresentar este livro lá. Fiz um avatar de Bruna Husky, a personagem, e apresentei o livro para 250 pessoas. Com os seus avatares, mas pessoas reais.

E o jornalismo?

O jornalismo é um género literário como qualquer outro. É muito raro um escritor cultivar só um género. Considero-me uma escritora que cultiva a ficção, o jornalismo e o ensaio. O que se passa é que normalmente temos o coração mais num lado. O jornalismo foi um trabalho muito bonito, mas é um ofício, a minha maneira de ganhar a vida, e a ficção não é trabalho, é como uma estrutura básica da minha personalidade, é o que sou. Gostei muito do jornalismo, mas estou farta. Comecei com 18 anos. Já lá vão 42 anos e às tantas cansa-te.

Também estudou Psicologia. Porquê?

Porque achei que estava louca. É uma ótima razão. Tinha ataques de angústia aos 16 anos e não sabia o que era, vinha de uma família pobre, sem grande informação, e decidi estudar para perceber o que era. Deixei no 4.º ano. Comecei a ir às aulas práticas num hospital, no final do franquismo, e fiquei chocada com o que faziam com os pacientes de psicologia. Era como o filme "Voando sobre Um Ninho de Cucos". Uns abusos de tal calibre, horríveis, que desisti.

Teve tuberculose aos cinco anos e por isso passou quatro anos fechada em casa. Como foram esses anos?

Como era tão pequena, era a vida, não estranhas e acabas por acostumar-te. Estava era muito sozinha, porque tenho um irmão cinco anos mais velho que ia à escola e tinha os amigos dele e eu ficava sozinha em casa com a minha mãe. Dedicava-me a ler e a escrever. Escrevo desde os cinco anos, o que é habitual na maioria dos escritores, aprender a escrever muito cedo. Para mim era como um jogo maravilhoso.